

## REPORTAGEM ESPECIAL

# A cumplicidade é uma forma de amor

Com a visão ameaçada por seqüelas de torturas, Roberto Freire escreve sobre novo tipo de relacionamento

ADRIANA FRANCIOSI/ZH



**Tranqüilidade:** o ex-militante de esquerda, que foi neurótico assumido, hoje vive em paz com a solidão e seus personagens imaginários

MARIANA KALIL

**N**a manhã de 18 de abril, 24 horas depois da chacina dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, Sul do Pará, Roberto Freire abriu os jornais e deduziu no ato uma questão só levada ao conhecimento do governo duas semanas depois da tragédia, graças ao depoimento de uma testemunha na televisão. A carnificina que resultou em 19 mortos e 51 feridos não se resumiu apenas a um gesto covarde da polícia militar na tentativa de desobstruir a rodovia PA-150. "Lendo os jornais fica evidente que foi uma ação dirigida pelos fazendeiros", concluiu o escritor ao terminar a leitura. As investigações indicaram que Roberto Freire teve grandes chances de ensaiar um esmerado raciocínio.

Roberto Freire adquiriu a perspicácia para entender conflitos sociais quando ainda atendia por Bento – seu codinome na época da ditadura militar – e atuava na Ação Popular, um grupo de militantes de esquerda dos anos 60, que tinha entre seus integrantes os ministros Sérgio Motta, José Serra e o presidente Fernando Henrique Cardoso. Se, outrora, o

radical Bento ambicionava a tomada do poder, hoje o ex-psiquiatra e psicólogo Roberto Freire sonha com a destruição e o fracasso de seus antigos companheiros. "Se for preciso, pego a arma de novo para brigar pelo povo", admite.

Roberto Freire foi uma criança infeliz. Um menino violentado pela família que o chantageava munida de uma arma aparentemente inócua: o amor. De tão desgraçado mostrava-se incapaz de pronunciar uma única palavra. Era completamente gago. Na época do golpe de 1964, ao conhecer a liberdade fora do vínculo familiar, não hesitou em fazer dela sua bandeira. E, como consequência, conheceu um outro tipo de violência – a física. Recebeu ameaças de morte, foi preso e torturado. Viu amigos morrerem na sua frente. Hoje, aos 69 anos, carrega as seqüelas daquela utopia adolescente.

Roberto Freire está cego de um olho e quase cego do outro. Resultado de uma

queda de retina simultânea dos dois olhos em função dos "telefones" – técnica de tortura que aplica golpes nos ouvidos das vítimas – recebidos na prisão. Tanta barbárie levou o escritor Roberto Freire a estudar a obra de Wilhelm Reich. O psiquiatra cético e reacionário

saiu de cena. Em seu lugar, Roberto Freire viu nascer um homem absolutamente fascinado pela Soma, teoria baseada em princípios anarquistas. A partir dessa nova ideologia de vida, escreveu três livros intitulados *Soma*, *Uma Terapia Anarquista*. Três volumes que

lhe renderam a fama de louco, comum e tarado.

Marginal ao sistema, o Roberto Freire escritor vive dos direitos autorais de seus contos eróticos, romances, ensaios e histórias infantis. *Sem Tesão Não Há Solução*, *Ame e Dê Vexame* e *Utopia e Paixão* tornaram-se leitura obrigatória na cabeceira da cama e nas faculdades de Comunicação. Em *Os Cúmplices* – o

primeiro volume de seu último romance – Roberto Freire volta a falar de amor. Segundo ele, um amor diferente daquele explorado nas páginas de *Cleo e Daniel* e *O Coiote*. O amor de *Os Cúmplices* retrata uma descoberta do próprio escritor de que existe uma nova forma de relacionamento humano, a cumplicidade. O livro conta a história das lutas e amores da sua geração, mas não faz do escritor o personagem principal. Sua vida não vale a pena ser escrita, é o que diz. Melhor é diluí-la na personalidade de personagens como Vítor e Bruno.

Cansado da ficção, Roberto Freire não pensa no depois. Acha que não tem mais nada para contar. Talvez escreva sobre algo mais real, como a dança das ondas estourando na areia da praia – imagens que vêm acometendo seus sonhos nos últimos tempos. De passagem por Porto Alegre para divulgar o amor de *Os Cúmplices*, Roberto Freire conversou com **Zero Hora** depois de um reforçado café da manhã no hotel Plaza São Rafael. Uma conversa tranqüila com um homem que já foi neurótico e hoje vive só, satisfeito ao lado de seus personagens imaginários.

❖  
**À margem do sistema,  
Roberto Freire vive  
dos direitos autorais  
de contos eróticos,  
romances e ensaios**



**Entrevista: Roberto Freire**

## “Meus personagens são meus melhores amigos”

**Zero Hora** – Depois de publicar ensaios, contos eróticos, histórias infantis e textos para teatro, o senhor volta a falar de amor. Por quê?

**Roberto Freire** – Os únicos temas que vivenciei foram o amor e a liberdade. São dois assuntos que me instigam a escrever. Em *Os Cúmplices*, falo sobre um amor que nunca abordei nos outros livros. Um amor chamado cumplicidade.

**ZH** – Um amor que o senhor viveu quando era militante de esquerda?

**Freire** – Descobri essa nova forma de relacionamento nessa época. A cumplicidade só se percebe nos momentos mais difíceis da vida. Na luta contra o poder militar éramos muito cúmplices. Foi por isso que sobrevivemos. Quando acabei de escrever *Os Cúmplices*, estava profundamente emocionado. Vivi muito a cumplicidade e procurei transcrevê-la no livro.

“Algumas pessoas mais íntimas me reconhecem na mistura do Vitor e do Bruno”

**ZH** – Vivemos um período democrático no Brasil. O que o senhor pretende ao escrever um romance que ressuscita os tempos da ditadura?

**Freire** – Minha intenção é mostrar que ainda vivemos na ditadura. Essa democracia que nos apresentam é mentirosa, o poder econômico é quem manda. As eleições são todas compradas. Não acredito na democracia brasileira.

**ZH** – Em *Os Cúmplices*, o senhor escreve a biografia da sua geração e se coloca como um personagem diluído entre todos. Por que o senhor não é o personagem principal?

**Freire** – Não me acho uma figura que mereça ser personagem de livro. Procurei inventar personagens com uma vida mais intensa, mais rica, mais bonita. Tomei a liberdade de fazer o que quisesse com eles, sem precisar mentir. Acho as autobiografias mentirosas, os autores se valorizam demais. Os fatos que narro são todos reais. Algumas pessoas mais íntimas me reconhecem na mistura do Vitor e do Bruno.

**ZH** – O senhor escreveu sobre liberação sexual e é conhecido por mencionar sexo e



“Cleo e Daniel”: filme baseado no livro, com Irene Stefania e Chico Aragão, foi dirigido por Freire

paixão. Isso contribuiu para sua fama de tarado?

**Freire** – Pois é. Uma vez perguntaram meu nome e respondi. Então, devolveram: “O comuna ou o louco?” Essa é a impressão que as pessoas têm de mim. Que sou louco, tarado.

**ZH** – Provavelmente por causa da sua relação com a teoria da Soma.

**Freire** – Na Soma tratamos a liberdade. As pessoas se surpreendem quando se dão conta no meio da terapia que seus problemas sexuais desaparecem. A visão que se tem de fora é que estamos fazendo uma suruba, experiências sexuais. Começam a inventar bobagens a meu respeito. Às vezes fico mal-humorado, bravo, xingo as pessoas. Ultimamente, porém, tenho mostrado senso de humor. Quando me perguntam se a Soma é uma suruba, respondo que, infelizmente, não é.

**ZH** – A Soma diz que a neurose está presente não só na cabeça do ser humano, mas no corpo inteiro. O senhor é neurótico?

**Freire** – Já fui muito neurótico. Como dizia Reich, a neurose nasce com a gente ou é produzida em nós. A minha neurose foi produzida pela violência que eu

sofri. Primeiro, a violência familiar através do amor. Me levaram a ter uma profissão e a me comportar de um jeito que não era meu. Me chantageavam com amor. Eu obedecia, mas era muito infeliz. E essa infelicidade gerou em mim vários sintomas neuróticos. Quando quis defender minha liberdade, veio o golpe de 64. E aí recebi a violência física, ameaças de morte, torturas, prisões. Assisti à morte de companheiros na minha frente.

“Se você fica na marginalidade, começa a produzir coisas das quais se sustenta”

**ZH** – E aquela história de que, quando perguntado se o senhor mantinha relações sexuais com as clientes, a sua resposta foi: “Isso é uma mentira horrenda. Só faço sexo com as mais gostosas...”

**Freire** – Foi mais uma das minhas respostas bem-humoradas. Tenho que ter bom humor, porque é o tipo de pergunta

idiota. Nunca fizeram uma crítica científica à Soma. Nunca publicaram livros, revistas, foram às minhas palestras ou contestaram. E ficam por aí espalhando bobagens.

**ZH** – O senhor diz que as pessoas devem ser marginais, não entrar na engrenagem do sistema capitalista. Existe alguma outra maneira de dizer isso sem ser através de um livro vendido em livrarias?

**Freire** – Vivendo. Conheço muitos marginais ao sistema, marginais criativos. A impressão que a gente tem vivendo na repressão familiar e escolar é a de que temos pouca criatividade, somos incapazes. Então, acabamos concordando com qualquer emprego. Se você fica na marginalidade, começa a produzir coisas das quais se sustenta. Eu, por exemplo, vivo dos meus direitos autorais. Sinto um prazer extraordinário de poder escrever e conseguir pagar minha comida, meu teto, ajudar meus filhos com aquilo que faço com amor.

**ZH** – Hoje, aos 69 anos, sem poder enxergar direito, acha que seu comportamento rebelde valeu a pena?

**Freire** – Valeu, sem dúvida. Tenho um orgulho enorme de

ter sobrevivido a essa violência toda. Grande parte dos meus amigos morreram assassinados, desapareceram. E o mais incrível de tudo é que a história do Brasil não conta nada sobre isso. As gerações de hoje não conhecem as histórias de 64. Escrevi esse livro também com a intenção de ajudar a difundir essa parte da história.

**ZH** – O senhor se diz um homem sofrido no amor, acredita que as pessoas só se aproximam em busca do político, escritor e somaterapeuta. O senhor é solitário?

**Freire** – Sou uma pessoa diferente, sempre fui muito solitário. O amor pintou para mim muitas vezes, mas tenho uma dificuldade muito grande: não consigo competir. Se amo uma mulher e ela diz que está atraída por outra pessoa, imediatamente me afasto. Então, as minhas relações amorosas duram pouco tempo. Não sei conviver com a competição.

“Quando era menino, tinha um complexo de inferioridade tão grande que era completamente gago”

**ZH** – O senhor sempre se sentiu uma pessoa inferiorizada em relação às outras?

**Freire** – Quando era menino, tinha um complexo de inferioridade muito grande. Tão grande que era completamente gago. Me achava feio, troncho, incapaz. Mais tarde, vivi grandes paixões. Casei, tive três filhos, vivi 18 anos muito apaixonado pela minha mulher. Depois da separação voltei a ter grandes paixões, que duram pouco.

**ZH** – E a solidão é vivida com prazer?

**Freire** – Aprendi a gostar da solidão. Hoje em dia passo a metade do meu tempo sozinho e gosto muito. Não posso mais ler porque estou praticamente cego, mas escrevo bastante. Passo o dia inteiro compondo. Isso alivia muito a solidão. Esses dias eu estava dando uma entrevista em Florianópolis e um menino me perguntou: “Você conversa muito com seus personagens?” Levei um susto porque nunca tinha pensado sobre isso. E respondi: “Olha, tenho conversado muito com o Vitor e com o Bruno. Cleo e Daniel também me fazem companhia. São todos meus melhores amigos.”